

MELHORIA DAS TÉCNICAS DE MANEJO DE FILHOTES DE *BOTHROPS ALTERNATUS* EM CATIVEIRO (SERPENTES: VIPERIDAE)

Patrícia Ossoski Pereira^{1,2}, Moema Leitão de Araujo¹ e Maria Lúcia Machado Alves¹ (orient.)

¹Núcleo Regional de Ofiologia de Porto Alegre (NOPA), Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul ((MCN-FZB); ²Curso de Ciências Biológicas da Universidade Lasalle de Canoas; patty.ossoski@gmail.com; marilu.malve@gmail.com

Um alto índice de mortalidade nos primeiros meses de vida até um ano tem sido verificado em filhotes de serpentes nascidos em cativeiro no Núcleo Regional de Ofiologia de Porto Alegre (NOPA), principalmente de *Bothrops alternatus*. Essas ninhadas, anteriormente estudadas, não recebiam alimentação forçada. Além disso, materiais de manejo não eram exclusivos e muitas ninhadas eram mantidas em caixa-viveiro única. Assim, surgia a necessidade de procedimentos de manejo mais eficazes, objetivando uma melhor qualidade de vida e conseqüente aumento das taxas de sobrevivência desses animais. Dessa forma, fica garantida, a longo prazo, a produção de peçonha, que faz parte do *pool* de venenos utilizados na produção do soro antitoxico, sem a necessidade da retirada de exemplares da natureza. Com o nascimento de duas ninhadas em cativeiro (NOPA 4212 e 4214), em março de 2013, totalizando 46 exemplares, foi iniciado o monitoramento intensivo nos cuidados com a higiene e assepsia dos viveiros e com a integridade física dos espécimes, através da minuciosa observação diária. A alimentação, com neonatos de *Mus musculus*, é oferecida quinzenalmente, sendo proporcional a 50% da massa do animal. Em exemplares que não aceitam a presa naturalmente, no período de 30 dias, é realizada alimentação forçada com neonatos embebidos em Emulsão de Scott. A aferição do tamanho dos animais é feita bimestralmente, sendo pesados em balança de precisão e medidos por contenção, com substrato de espuma de poliuretano e prancha acrílica com alça. Os resultados obtidos no período de 12 meses mostraram índice de mortalidade de 9,5 e 4% até 4 e 6 meses, com um óbito no primeiro período, e de 38,6 e 12% até 12 meses, com 8 e 3 óbitos. Em estudos anteriores, com 407 filhotes, estes índices indicaram, respectivamente, 53,6, 80,8 e 88,2%. A taxa de crescimento acusou aumentos de 44,7 e 45,2 cm e 53,1 e 49,0 g, em média, até seis e doze meses, enquanto os dados consultados registraram 35,2 e 43,6 cm e 20,1 e 47,9 g. Pela acentuada queda dos índices de mortalidade, em comparação com dados de ninhadas anteriormente estudadas, para os mesmos períodos de vida, concluímos que os procedimentos de manejo utilizados foram mais eficazes e deverão continuar sendo empregados nos próximos 12 meses.

(Apoio: PIBIC-CNPq)